

A revolução está na mesa: O Partido Comunista do Brasil (PCB) e a organização dos trabalhadores em hotelaria (1922-1930)

The Revolution is on the table: The Communist Party of Brazil and hotel workers organization (1922-1930)

Lucas Alexandre Andreto*
Marcos Del Roio**

Resumo: O centenário do Partido Comunista do Brasil (PCB), neste ano de 2022, é oportunidade ímpar para resgatar a história que desempenhou como organizador político-ideológico das classes subalternas no Brasil durante praticamente todo o século XX. Dentre as categorias da classe trabalhadora que foram pioneiras na construção do movimento operário comunista brasileiro estão os trabalhadores em hotelaria. Caracterizados por grande instabilidade nas condições de vida e trabalho, essa categoria do proletariado encontrou no PCB, durante a década de 1920, a forma organizativa adequada para buscar a superação de sua condição de precariedade, por meio de uma reforma nos métodos de ação sindical, da estratégia e da tática política e por uma reforma moral da categoria adequada à formação de trabalhadores revolucionários.

Palavras-chave: Partido Comunista do Brasil (PCB); Sindicato A Internacional; trabalhadores em hotelaria.

Abstract: The centenary of the Communist Party of Brazil (PCB) in 2022 is a great opportunity to rescue the history that it played as a political-ideological organizer of the subaltern classes in Brazil during practically the entire 20th century. Among the working-class categories that

* Graduado e mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) - Assis. E-mail: andreto.lucas@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2552-6052>.

** Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Titular de Ciências Políticas da Universidade Estadual Paulista (Unesp) - Campus de Marília. E-mail: delroio@terra.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3276-8789>.

were pioneers in the construction of the Brazilian communist labor movement are hotel workers. Characterized by great instability in living and working conditions, this category of the proletariat found in the PCB during the 1920s the appropriate organizational form to seek to overcome its condition of precarity subalternity through a reform in the methods of union action, strategy and of political tactics and for a moral reform of the appropriate category for the training of revolutionary workers.

Keywords: Communist Party of Brazil; A Internacional Union; Hotel Workers.

Introdução

OCENTENÁRIO do Partido Comunista do Brasil (PCB) vem a ser uma oportunidade para recuperar importantes episódios da história das classes e grupos subalternos no Brasil, bem como suas tentativas de romper com a própria subalternidade e criar uma nova sociedade por meio da auto-organização, cindindo com a hegemonia burguesa. O nascimento do PCB, em 25, 26 e 27 de março de 1922, insere-se no contexto do desenvolvimento da revolução burguesa passiva no Brasil.¹

A revolução burguesa em terras brasileiras ganhou forte atualidade no decorrer da crise da dominação oligárquica nos anos 1920 do século XX, tendo se concluído em torno de 1978-1980, com a plena consolidação das relações sociais de produção capitalistas no Brasil. Contudo, seu momento mais crítico ocorre entre os anos de 1928 e 1935 e tem no PCB personagem de grande importância no que diz respeito à expressão política das classes subalternas para fazer impor seu próprio projeto de sociedade. É aqui que se introduz a proposta dos comunistas brasileiros de realizar uma revolução democrático-burguesa, sob hegemonia da aliança operário-camponesa. Era o momento histórico em que as alternativas de rumo de desenvolvimento social para o Brasil estavam em jogo, de tal forma que a revolução passiva apenas se impôs com a derrota das classes subalternas em 1935, uma vez posta na ilegalidade a Aliança Nacional Libertadora, desbaratada a insurreição de novembro e desarticulado nos anos que se seguiram o movimento operário sindical e o próprio PCB.²

O Partido Comunista do Brasil conta atualmente com uma historiografia a seu respeito que remonta a década de 1960, quando o próprio partido reuniu uma comissão cujo objetivo era escrever a própria história. Desde então, a história do PCB foi abordada nas mais diversas perspectivas, desde os livros de memórias dos militantes do partido, análises científicas dos próprios comunistas e de escritores de outras vertentes ideológicas, incluindo pesquisas anticomunistas. Particularmente depois da década de 1990, com a estruturação dos arquivos que fundamentam a história do movimento operário brasileiro (como por exemplo o Arquivo

1 Cf. DEL ROIO, Marcos. **Gramsci e a emancipação do subalterno**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

2 Cf. DEL ROIO, Marcos. O PCB e a estratégia da revolução brasileira. **Novos Temas**, Marília, v. 7, p. 217-235, 2012.

Edgard Leuenroth na Unicamp e o Arquivo de Astrojildo Pereira, presente no CEDEM), a universidade encontrou no PCB um rico objeto de estudo.

Como não poderia deixar de ser, a história do PCB tem um vínculo orgânico com a história do movimento operário brasileiro e, em geral, os trabalhos sobre um destes dois objetos acaba por, em algum momento, resvalar no outro. Como os partidos comunistas pretendiam ser os partidos da vanguarda consciente revolucionária da classe operária, é de se esperar que a relação entre militantes comunistas (operários ou não) e classe trabalhadora seja tema presente nas pesquisas sobre ambos os assuntos. De tal maneira, também foram diversificados os matizes e interesses com que essa relação foi analisada.³ Trabalhos como o de Edgar Carone nos deram uma perspectiva bastante descritiva e cronológica dos fatos da história do movimento operário em que os comunistas estiveram presentes, bem como as principais polêmicas e contradições do interior do movimento comunista.⁴ Outros, como o de Ronald Chilcote, entre outras coisas, analisaram a composição social do partido e de sua direção política, sua difusão de massas entre os anos 1940 e 1970 e sua dualidade entre ser um partido revolucionário e um partido democrático defensor da democracia burguesa.⁵

A relação entre o PCB e a classe operária, porém, foi analisada de maneira mais direta por duas vertentes contrapostas. A primeira, ligada às ciências sociais e políticas, datada da década de 1960 e tem como seus principais expoentes Francisco Weffort e Octávio Ianni.⁶ Para os mencionados autores, o PCB, principalmente entre os anos de 1945 a 1964, havia praticado uma política sindical alinhada com o sindicalismo oficial do Ministério do Trabalho, expressada principalmente em sua atuação conjunta com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) no interior dos sindicatos. Assim, o PCB teria sido uma espécie de linha auxiliar do que os autores chamam de “populismo”, agindo para conciliar as classes, mantendo a estrutura sindical “populista”, sem apresentar qualquer alternativa de independência organizativa para os trabalhadores.

Em contraposição, autores vinculados à análise da história social, por meio de estudos de caso e fazendo uso de rico material empírico sobre a atuação dos comunistas, apresentam a tese de que a relação entre o PCB e a classe trabalhadora foi muito mais complicada e contraditória do que apontam os estudos sobre o populismo. Se por um lado a direção do PCB estava preocupada em manter o partido como sendo um partido da ordem e da legalidade, desenhando uma via democrática para o socialismo, o mesmo não ocorria nas suas instâncias intermediárias e em seus núcleos de base. Impulsionados e pressionados pela classe em

3 Para uma análise da produção historiográfica sobre o PCB, Cf. DEL ROIO, Marcos; ANDRETO, Lucas. *Historiografia y Lucha por la Memoria en el Partido Comunista Brasileiro*. **Nuestra Historia**, Madrid, n. 11, p. 43-64, 2021.

4 Cf. CARONE, Edgar. **O marxismo no Brasil (das origens a 1964)**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986; CARONE, Edgar, **Socialismo e anarquismo no início do século**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

5 CHILCOTE, Ronald. **Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1979)**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

6 Cf. WEFFORT, Francisco. *Origens do sindicalismo populista no Brasil (a conjuntura do pós-guerra)*. **Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 4, 1973; IANNI, Octávio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

seus problemas cotidianos e imediatos, os comunistas nas fábricas e bairros proletários eram obrigados a romper com a política de paz e tranquilidade e aderir às greves e demais manifestações do operariado em busca de seus interesses, atuando como organizadores e orientadores políticos da classe. Seria a tese das “duas almas” do PCB, um partido perpassado pela dualidade entre o revolucionarismo e o legalismo democrático, tanto em sua política oficial quanto nas relações direção e base, partido e classe que busca representar.⁷

Nosso trabalho encontra sua primeira dificuldade no fato de que os dois lados do debate acima exposto se referem ao PCB pós-1945, de maneira que nos oferece o caminho metodológico, mas não informações sobre a relação partido e classe operária para os primeiros anos de vida do PCB. De toda maneira, seguimos aqui os passos da última corrente historiográfica mencionada na medida em que busca estudar essa relação por meio de um estudo de caso, ainda que nossos resultados sejam bastante diferentes. De tal maneira, analisamos o processo de inserção dos comunistas na categoria de trabalhadores em hotelaria (garçons, cozinheiros, choferes), como os comunistas estruturaram ali a sua propaganda e quais métodos usavam para conquistar o objetivo de organizá-la no sindicato e no partido. É de particular interesse a proposta de reorganização sindical que os comunistas propunham: a centralização (democrática) dos sindicatos em organismos nacionais gerais sob o modelo do sindicato de indústria. Esse novo modelo implicou o embate entre comunistas e anarquistas no interior dos sindicatos em uma batalha por qual ideologia e método de organização iria orientar a luta dos trabalhadores durante o período, o que nos trouxe a oportunidade de abordar as oposições ao processo de ascensão dos comunistas no movimento operário.

Nesse período, o PCB ainda não expressava duas almas, de maneira que tanto sua direção quanto os núcleos de base do partido defendiam a via revolucionária para o Brasil. Por toda sua existência o PCB congregou e organizou em suas fileiras diversos grupos pertencentes ao conjunto das classes subalternas brasileiras: artesãos, intelectuais de origem pequeno-burguesa, trabalhadores gráficos, metalúrgicos, ferroviários, sapateiros, pedreiros, jornalistas, médicos, bancários, dentistas, entre outros. Os trabalhadores em hotéis e restaurantes, porém, contam com poucos estudos, possivelmente por sua situação de subalternidade, mesmo no interior da classe trabalhadora.

Visto que um dos maiores problemas para a construção da história das classes subalternas é o acesso às fontes,⁸ cabe destacar a importância dos jornais operários, especialmente os jornais comunistas, devido ao fato de que neles era incentivada a publicação de textos de trabalhadores, não necessariamente dirigentes do movimento,

7 Cf. SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos**: comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2001; COSTA, Hélio. **Em busca da memória**: organização no local de trabalho, partido e sindicato em São Paulo - 1943/1953. Campinas: Unicamp, 1993. Para um estudo análogo sobre a relação PCB e trabalhadores rurais, Cf. LIMA, Airton Souza de. **Vítimas do ódio**: a militância comunista e as lutas camponesas no interior paulista. Marília: FCL-Unesp, 2010.

8 Cf. COTRIM, Renata. **Memória militante**: a atuação das redes de preservação documental na salvaguarda dos arquivos das classes subalternas. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2022.

sobre suas condições de vida, trabalho e lazer, bem como opinião sobre diversos assuntos. Trata-se de um elemento constitutivo do movimento comunista internacional, e que cumpria o papel de criar a ligação orgânica, amalgamar classe e partido em uma relação político-ideológica dialética. A principal fonte usada neste artigo, o jornal *O Internacional*, é exemplar nesse sentido. Não é demais lembrar a indicação de Lênin quando da fundação do jornal *Vperiod*, mas que se tornou comum no movimento comunista.

Dê aos operários a mais ampla oportunidade de escrever para nosso jornal, de escrever efetivamente a respeito de tudo, de escrever o máximo possível sobre suas vidas cotidianas, interesses e trabalho – sem esse material, um órgão social-democrata não valerá um centavo, e não merecerá o nome de organismo social-democrata.⁹

Essa massa de textos de operários comuns das mais variadas categorias e sobre os mais diversos assuntos constituem hoje uma rica fonte documental para a escrita da história das classes subalternas. Assim, é possível observar como mesmo as mais precarizadas camadas de trabalhadores entendiam sua própria condição e como encontravam meios de agir como sujeitos históricos transformadores. Por meio dessas fontes, fica evidente o papel do PCB como agente político e organizador dos trabalhadores em nosso país.

Uma breve história do sindicato A Internacional

DEPOIS DA União dos Trabalhadores Gráficos, o sindicato dos “empregados em hotéis, restaurantes, confeitarias, bares e classes anexas”, que, resumidamente, congregava garçons, cozinheiros e demais trabalhadores do comércio, era o sindicato de maior força do PCB na cidade de São Paulo durante a década de 1920. O sindicato foi fundado em 11 de abril de 1914 por 48 associados. A primeira reunião realizou-se numa sala do prédio nº 2 da ladeira Porto Geral. O nome foi proposto por Orestes do Valle para expressar o internacionalismo proletário, “sendo a nossa associação composta de proletários de diversos países e sendo também uma só a luta do trabalho contra o capital, sem diferença de nacionalidades”. No fim da década de 1910, o sindicato entrou em crise e foi fechado. Ao reorganizar-se, em 1921, o movimento operário encontrava-se dividido entre aqueles militantes que permaneciam fiéis aos ideais anarquistas e aqueles que aderiam ao bolchevismo. Sua reconstrução se deu por iniciativa dos comunistas José Gil Dieguez, Manoel de Oliveira e João Freire de Oliveira,¹⁰ o que garantiu a predominância da orientação comunista na direção do sindicato nos próximos anos, não sem resistências, como veremos. O jornal do sindicato, que levava o nome de *O Internacional*, foi fundado em 1920, organizado por um grupo independente do Comitê Executivo (direção) do sindicato chamado Ação e Cultura, também composto por

9 LÊNIN, Vladimir Ilitch. Carta aos camaradas (referente à publicação vindoura do órgão da maioria partidária. In: LANDI, Gabriel; LAZZARI, Gabriel (org.). **O centralismo democrático de Lênin**. São Paulo: Lavrapalavra, 2021. p. 150.

10 Salve, “A Internacional”. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 11 abr. 1926. (CEDEM-ASMOB).

ex-anarquistas que haviam recentemente aderido às ideias da III Internacional. Em 1927 o grupo passou a chamar-se Bloco Internacional e depois Grupo O Internacional.

Durante seu período de existência, A Internacional levou a cabo constante campanha pela organização dos trabalhadores do comércio na cidade de São Paulo. Além de seu jornal *O Internacional* sair quinzenalmente e funcionar como um órgão de comunicação politizador da categoria, também realizava constantes assembleias abertas para a participação dos trabalhadores do comércio, discutindo os principais problemas da categoria e quais as atitudes mais adequadas para resolvê-los. O sindicato também promovia encontros culturais, festas e palestras com oradores intelectuais do movimento operário e cursos de cultura proletária, que na verdade eram cursos de introdução ao marxismo.

Foi responsável pela organização de greves dos trabalhadores de vários estabelecimentos comerciais paulistanos, apesar de jamais ter logrado uma greve geral da categoria. Dentre as greves de maior repercussão, a mais citada no jornal do sindicato é a greve do Hotel Rotisserie Sportman, ainda no ano de 1922, que terminou vitoriosa e marcada por dura campanha contra os “krumiros”, isto é, os trabalhadores fura-greves. Além do Rotisserie Sportman, outros estabelecimentos comerciais que frequentemente apareciam nas páginas do jornal sindical como cruéis exploradores da força de trabalho eram o Hotel Terminus, o Restaurante Comercial, Restaurante Pierrot, Restaurante Avenida, Ponto Paulista, Imperial Hotel, Parque Balneário, Hotel Carlton, Palácio Café, Restaurante Ramagnioie, apenas para citar alguns, certamente os principais e maiores estabelecimentos empregadores de trabalhadores do comércio.

A Internacional também participou de todas as campanhas promovidas pelos comunistas no interior do movimento operário durante o período por nós abordado, incluindo a luta contra as carteiras de identidade (chamada atualmente de carteira de trabalho), pois “devido à facilidade com que [os patrões] poderiam conhecer a personalidade dos trabalhadores de seus estabelecimentos e impedir o trabalho dos conscientes”, a luta pelo cumprimento da lei de férias, bem como campanhas por aumento salarial e pela substituição da gorjeta dos garçons por um sistema de porcentagem.

Esta última era uma das principais reivindicações do sindicato, pois entendiam a gorjeta como uma “degradante esmola que constitui o complemento do seu salário” e uma das principais razões do baixo salário dos garçons.¹¹ Eram também reivindicações da categoria o cumprimento da lei de 8 horas de trabalho diário e da lei de férias, maiores ordenados, regulamentação do descanso semanal, salário igual para trabalho igual, ordenado integral em caso de adoecimento, higiene nas cozinhas e boas condições de serviço, respeito por parte dos gerentes e patrões, controle do sindicato nas medidas que favorecem os trabalhadores.¹² Contudo, a vitória que o sindicato mais se orgulhava foi ter conquistado, ainda na década de

11 CAQUEIRO, J. Tarefa que se impõe. *O Internacional*, São Paulo, p. 1, 26 out. 1922. (CEDEM-ASMOB).

12 ALVES, A. J. Apelo aos trabalhadores em hotéis, restaurantes, confeitarias, cafés e similares. *O Internacional*, São Paulo, p. 1, 31 out. 1926. (CEDEM-ASMOB).

1910, o fechamento de todos os estabelecimentos do comércio de São Paulo no dia 1º de Maio. Foi uma espécie de tradição organizativa que se criou entre os trabalhadores, de modo que não compareciam no serviço nesse dia. A prática durou por toda década de 1920.¹³

Ainda em 1922, os cozinheiros tentaram sair d'A Internacional e formar um sindicato à parte, o Centro União Culinária, de tendência reformista, a qual A Internacional combateu através do boicote, fazendo campanha para que os cozinheiros não se filiassem a ela para manter todos os trabalhadores do ramo culinário unidos n'A Internacional.¹⁴ Em 1924 o sindicato sofreu uma crise nos quadros da direção por conta da revolta tenentista que tomou de assalto o governo da cidade de São Paulo. A categoria dos garçons passou por uma situação de escassez de alimentos, pois o fechamento dos restaurantes e similares os deixou sem rendimentos, obrigando o sindicato a empregar toda a sua capacidade na criação de uma cozinha econômica na sua sede para ajudar seus sócios. Quando a revolta acabou e os tenentistas evacuaram São Paulo, a repressão caiu sobre o movimento operário e A Internacional teve a sede invadida pela polícia e sua biblioteca confiscada. Apenas em setembro houve condições de chamar uma assembleia para formar um novo Comitê Executivo, ocasião em que os anarquistas conquistaram controle do sindicato por cerca de um ano.¹⁵ No entanto, mesmo durante esse período os comunistas continuaram editando o jornal sindical *O Internacional*, gerando conflito entre os editores do jornal e a direção anarquista do sindicato.

No fim de 1927, *O Internacional* enfrentou uma crise advinda de uma dívida de 600 mil réis para com a tipografia Ferrari & Buono, que o fez deixar de circular por dois meses. O PCB então enviou um militante do Rio de Janeiro e outro de Santos que ao chegarem em São Paulo encontraram o sindicato falido. Os comunistas então pediram empréstimo de 600 mil réis com a União dos Trabalhadores Gráficos para saldar a dívida da A Internacional e afastaram Apolinário José Alves e o Grupo Ação e Cultura da redação do jornal, instituindo o Grupo Internacional, que ficou responsável pelo *O Internacional* daí em diante.¹⁶

A situação dos trabalhadores em hotelaria na cidade de São Paulo

AS CATEGORIAS de trabalhadores que se organizavam n'A Internacional tinham uma média salarial durante a década de 1920 que oscilava entre 60\$000 e 150\$000 réis mensais, mais as gorjetas (a média do salário operário em São Paulo em 1927 era de 200\$000 réis).¹⁷ A jornada de trabalho chegava a 16 horas diárias.¹⁸ O jornal do sindicato indica que os patrões dos

13 Salve, "A Internacional". *O Internacional*, São Paulo, p. 1, 11 abr. 1926. (CEDEM-ASMOB).

14 Um Culinário. Ecos de uma projetada organização. *O Internacional*, São Paulo, p. 1, 5 out. 1922. (CEDEM-ASMOB).

15 PEREZ, J. Movimento administrativo da A Internacional de 5 de maio de 1924 a 30 de abril de 1925. *O Internacional*, São Paulo, p. 2, 1º maio 1925. (CEDEM-ASMOB).

16 DULLES, J.F. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p. 289.

17 DECCA, M.A.G. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 21.

18 ALVES, A. J. Apelo aos trabalhadores em Hotéis, Restaurantes, Confeitarias, Cafés e Similares. *O Internacional*, São Paulo, p. 1, 31 out. 1926. (CEDEM-ASMOB).

restaurantes pagavam salário baixo aos garçons calculando de antemão que eles também receberiam gorjetas. Apolinário José Alves, garçom, diretor e redator do *O Internacional*, afirma a respeito das condições de moradia dos garçons que “somos obrigados, devido à mesquinha dos ordenados, a morar aos grupos de 4 a 6 companheiros, num quarto único, estreito e abafado!”¹⁹ A média do preço do aluguel de uma casa tipicamente operária na década de 1920 variava de 50\$000 a 125\$000 réis,²⁰ o que significa que se um garçom alugasse uma casa das mais baratas lhe sobraria, no pior dos casos, o ínfimo valor de 10\$000 réis de seu salário para passar o mês.

Em um texto publicado na *Folha da Manhã*, de 5 de julho de 1925, e transcrito n’*O Internacional*, comparece uma descrição da situação geral dos garçons e cozinheiros:

Quem passa ali pelo Largo de S. Bento depois das doze horas tem a ilusão de assistir aos primeiros movimentos de uma grande greve... em redor do relógio municipal, um agrupamento confuso de idades e sexos improvisa, diariamente, como contraste à burguesia, suarenta e laboriosa, uma nota pitoresca de armistício na tremenda vertigem de lutas e interesses que dinamiza a cidade.

São os candidatos às migalhas dos ricos, os aspirantes ao exército anônimo das cozinhas, os voluntários paradoxais da impertinência patronal, os condenados às galés perpétuas dos anúncios em três linhas.²¹

O garçom comunista que recolheu a citação, Arthur Teixeira, comenta abaixo dela que estes “são nossos companheiros todos aqueles semifalidos”.²² A profissão de garçom aparecia como uma forma de subemprego para o qual apelavam aqueles que não conseguiam trabalho em ramos melhor remunerados da indústria. Logo, aqueles que se disponibilizavam para exercer o trabalho de garçom eram os trabalhadores que faziam parte daquilo que Marx e Engels chamavam de “exército industrial de reserva”, uma população que excede a quantidade de força de trabalho necessária para a produção industrial e, portanto, cai no desemprego.²³ Mais especificamente, os garçons eram os *jobbers* que, nas palavras do jovem Engels, constituíam a parcela dos trabalhadores desempregados que “circulam pelas ruas em busca de qualquer trabalho ocasional”²⁴ ou, no caso, permaneciam no Largo de São Bento procurando nos “anúncios de três linhas” dos classificados dos jornais a oportunidade de ganhar o dinheiro do dia trabalhando como garçom. A grande mobilidade com que as pessoas exerciam e cessavam de exercer as profissões de garçom, chofer e cozinheiro nos estabelecimentos comerciais fazia com que ficasse difícil medir a quantidade de pessoas que compunham a categoria.

19 ALVES, A. J. Apelo aos trabalhadores em hotéis, restaurantes, confeitarias, cafés e similares. *O Internacional*, São Paulo, p. 1, 31 out. 1926. (CEDEM-ASMOB).

20 DECCA, M.A.G. *A vida fora das fábricas*: cotidiano operário em São Paulo (1920 -1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 28.

21 TEIXEIRA, A. Quem passa pelo Largo de São Bento. *O Internacional*, São Paulo, p. 1, 11 jul. 1925. (CEDEM-ASMOB).

22 Idem.

23 MARX, K. *O Capital*. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 708.

24 ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 127.

Como a figura do garçom e do desempregado confundiam-se, *O Internacional* manteve constante campanha para que os garçons que haviam conseguido um vínculo mais sólido de trabalho com algum restaurante cedessem a algum desempregado um dia da semana para que este pudesse trabalhar em seu lugar.

O dever mais sublime de um sócio da “A Internacional” é dar um dia de trabalho a um companheiro desempregado, auxiliando assim quem talvez necessite de levar um pedaço de pão aos seus inocentes filhinhos e a sua companheira de vida.²⁵

Além disso, o sindicato também organizava uma “Seção de Colocação”, responsável por alistar nomes de trabalhadores desempregados filiados ao sindicato e fornecer essa lista às casas de refeições para que recorressem a ela quando precisassem de empregados.²⁶ Dessa forma, o sindicato auxiliava os seus sócios a arrumar emprego, ao mesmo passo que exercia pressão aos trabalhadores não sindicalizados do ramo a entrar no sindicato para poderem desfrutar da mesma facilidade e, quando o tivessem feito, entrariam num processo de organização combativa e contato com as ideias comunistas.

Questão importante relacionada ao desemprego na categoria era a concorrência entre garçons e garçonetes. Os bares, restaurantes e cafés tendiam a preferir a força de trabalho feminina por entenderem que havia um número menor de mulheres ligadas ao sindicato, sendo dessa forma mais fácil impor a elas um salário menor (o jornal cita que havia casos onde a garçonete só ganhava gorjetas); os patrões ainda consideravam as mulheres mais obedientes além de servirem “de atrativo à clientela”

Vários proprietários há que quando algum garçom se mostra descontente ou reclama algo a que tem direito, lhe dão como resposta: pode deixar o lugar, é um favor, tenho muita mulher para substituí-lo, sem pagar-lhe nada, e com muitas outras vantagens.²⁷

Em manifesto da diretoria do sindicato ao povo de São Paulo, a questão é abordada com maior minúcia.

Como é sabido, de uns tempos a esta parte os garçons que trabalhavam em determinados bares, restaurantes, leiterias etc., foram inopinadamente postos no olho da rua, sem que da parte deles houvesse surgido motivo para isso. O caso, porém, prendia-se aos interesses do patronato. O princípio da concorrência, com toda a sua fatalidade, impunha-se imperativamente. Precisavam atrair maior freguesia. A substituição dos garçons por garçonetes não seria ideal?

[...]

Com tal solução, havia ainda a possibilidade dos lucros conseguidos pela diminuição do salário dos novos trabalhadores. Sendo estas, então, mulheres, o custo dos serviços diminuiria (na lógica dos patrões, chega a ser axioma o princípio de que o trabalho da mulher, em qualquer condição, vale menos do que o do homem...). Por outro lado, o sexo feminino, com todas as suas

25 Os nossos mais urgentes deveres. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 11 jul. 1925. (CEDEM-ASMOB).

26 Seção de Colocações. **O Internacional**, São Paulo, p. 4, 25 jun. 1926. (CEDEM-ASMOB).

27 Miséria moral. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 1º dez. 1927. (CEDEM-ASMOB).

inevitáveis atrações, determinaria o aumento da gorjeta; logo, mais uma razão para diminuir o salário. Não poderia restar mais dúvidas – despachar os garçons!²⁸

O manifesto chama a atenção da categoria para o fato de que a competição com a força de trabalho feminina gerava o desemprego e diminuição do poder de barganha dos garçons com os patrões, e maior exploração do trabalho das garçonetes. O sindicato declara não ser contra o trabalho das mulheres em qualquer ramo que seja, mas sim contra os patrões que exploram o trabalho feminino e fazem dessas moças “vitrines ambulantes”.

Outro problema quase inerente aos últimos era a prostituição das garçonetes, pois para que elas pudessem receber gorjetas tão grandes a ponto de em alguns casos substituir o salário, era necessário “em troca, de um sorriso, de um gesto, de uma palavra amável. O gracejo intencional, o convite provocador, a imposição violenta – constituem o processo natural da prostituição”.²⁹ E se as garçonetes recusavam a ceder aos gracejos dos clientes, eram demitidas.

Quantos pais de família levam suas filhas a trabalhar como garçonetes, a fim de auxiliá-las na manutenção de sua prole, para dentro em pouco verem nela não aquela filha humilde e honesta, mas uma prostituta!

Perguntamos nós, caberá porventura a esses pais a responsabilidade da perdição de suas filhas?

Não! Não, porque nenhum pai por canalha que seja quer ver sua filha prostituta. É a miséria, a necessidade, a fome imposta pela ganância desse mesmo patronato que assim o exige.³⁰

A Internacional então lançava como proposta, além da organização das garçonetes no sindicato, a exigência de que ganhassem o mesmo salário que os garçons, impedindo, desta forma, que fossem exploradas “material e moralmente”. Entretanto, é curioso que para esse problema exigiram uma solução raramente reivindicada pelo movimento operário: a ação da polícia e da imprensa burguesa.

O fato que está agora se verificando em S. Paulo, já aconteceu também no Rio, e aqui mesmo noutra época. Houve, porém, intervenção da polícia, ficando expressamente proibida tal exploração. Cabe no momento igual dever à polícia de São Paulo.

“A Internacional”, por intermédio da sua diretoria, lança apelo à imprensa a fim de que combata essa miséria moral, levando ao conhecimento do público em geral os perigos que advirão para a sociedade em que vivemos, o fomento de tais fábricas de prostituição.³¹

As condições de trabalho dos garçons variavam em cada local de trabalho, mas o jornal *O Internacional* atesta uma série de situações que faziam parte do ambiente dos restaurantes:

28 A diretoria. Ao povo de São Paulo. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 15 dez. 1927. (CEDEM-ASMOB).

29 Ibidem.

30 Miséria moral. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 1º dez. 1927. (CEDEM-ASMOB).

31 A diretoria. Ao povo de São Paulo. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 15 dez. 1927. (CEDEM-ASMOB).

alimentação de má qualidade oferecida aos empregados, obrigando-os a comprar comida em outros locais ou voltar para casa na hora das refeições; restaurantes que alimentavam seus empregados com restos de comida deixados pelos clientes; garçons que eram obrigados a exercer ao mesmo tempo o trabalho de faxineiros; estabelecimentos onde os garçons dormiam em cima das mesas nas horas de descanso; ofensas verbais desferidas contra os garçons por parte dos gerentes e patrões; multas abusivas por pequenos acidentes.³²

No que diz respeito ao nível cultural, o analfabetismo da categoria dos trabalhadores de restaurantes era uma preocupação constante e alguns dos dirigentes d'A Internacional cogitavam a hipótese desta ser uma das razões mais fortes para a desorganização sindical da categoria. Para combater o analfabetismo, A Internacional incentivava os filiados a formarem reuniões de estudos e aprendizados para alfabetizar aqueles que não sabiam ler e escrever, bem como escolas operárias, clubes de leituras, além de disponibilizar uma biblioteca em sua sede.

Entrando em algumas casas do ramo representado pela "A Internacional", temos notado, com respeito à organização, que a maioria dos companheiros está completamente alheia a isto, principalmente nas confeitarias, bares e cafés. É para estes que nós, neste momento, devemos olhar.

Se nos pusermos a analisar todos estes casos, chegaremos à conclusão de que a única causa disso é o analfabetismo que, infelizmente, em pleno século XX, predomina sobre grande parte dos nossos companheiros, prejudicando-os e à coletividade.³³

Os cozinheiros compartilhavam com os garçons boa parte dessa situação, porém, o salário era maior, de 250\$000 a 300\$000.³⁴ Por outro lado, o ambiente de trabalho dos cozinheiros era, ao que tudo indica, pior que o dos garçons, pois o jornal do sindicato é abundante em denúncias das péssimas condições das cozinhas. Um dos textos d'*O Internacional* expõe justamente uma comparação dos salões dos restaurantes, local de trabalho dos garçons, com a cozinha

Surpreende-nos o modo como são adotadas as plantas de casas no comércio gastronômico. Embelezam-se salões e todos os departamentos que dão entrada aos clientes, e as cozinhas ficam em um canto escuro e sem saída, reduzidas ao mínimo que mal podem trabalhar dois companheiros que, forçados pelo serviço, estorvando-se muitas vezes em acidentes e encontros, vivem num verdadeiro inferno.³⁵

Outros problemas frequentemente apresentados pelo jornal sobre as cozinhas são a falta de ar e de luz, umidade no chão e nas paredes contrastando com o calor dos fogões, localização dos banheiros ao lado da cozinha e falta de higiene com as louças e os alimentos.

32 Marteladas. *O Internacional*, São Paulo, p. 4, 25 jun. 1926. (CEDEM-ASMOB); Pelos estabelecimentos. *O Internacional*, São Paulo, p. 2, 1 dez. 1927. (CEDEM-ASMOB).

33 ALVES, A. J. A gorjeta e o analfabetismo. *O Internacional*, São Paulo, p. 1, 11 jul. 1925. (CEDEM-ASMOB).

34 ALVES, A. J. Apelo aos trabalhadores em hotéis, restaurantes, confeitarias, cafés e similares. *O Internacional*, São Paulo, p. 1, 31 out. 1926. (CEDEM-ASMOB).

35 A higiene nos hotéis, restaurantes e similares. *O Internacional*, São Paulo, 11 jul. 1925. (CEDEM-ASMOB).

Reinicia-se a grita contra a calamidade que infesta a capital paulista. As moscas são um grande problema da atualidade. São elas as causadoras de um grande número de moléstias; são transmissoras terríveis de micróbios, são um dos maiores inimigos da higiene.

[...]

Os maiores focos, entretanto, são certas dependências de hotéis, restaurantes e cafés. Quisessem os escritores burgueses ter o trabalho de transportar-se aos antros em que trabalhamos, então teria o público um quadro mais asqueroso a seus olhos. Verdadeiras nuvens de moscas sobre a louça, sobre o pão, sobre as verduras, sobre as carnes etc.³⁶

É possível verificar pelas páginas de *O Internacional* que a categoria dos trabalhadores em hotelaria vivia em situação de desespero constante. Sua realidade confundia-se com a dos desempregados, e justamente pela acentuada falta de estabilidade ocorria a lumpenização dos indivíduos, ou seja, tornar-se parte do lumpemproletariado era um perigo constante. Não apenas a prostituição era um fantasma que assombrava as mulheres da categoria, mas também o alcoolismo e o vício pelos jogos, como veremos adiante, era comum entre os homens. O sindicato voltava parte significativa de sua atividade para sanar esse problema, conjugando demandas de aumento salarial e maior estabilidade de emprego com campanhas de solidariedade e iniciativas para o desenvolvimento cultural dos trabalhadores em hotéis e restaurantes.

A ação do Partido Comunista no sindicato A Internacional

POR TODA A DÉCADA de 1920, o jornal *O Internacional* fez propaganda comunista. Já em 1922 divulgou uma série de textos de Astrojildo Pereira, originalmente publicados no jornal do sindicato congênere carioca *A Voz Cosmopolita*, defendendo a Revolução Russa e a III Internacional da crítica feita pelos anarquistas e pela imprensa burguesa que, para Astrojildo, faziam contra os comunistas “uma frente única de um gênero todo especial e cuja atividade quotidiana crescente põe em relevo a imoralidade da aproximação”.³⁷ Publicavam textos de propaganda do Partido Comunista do Brasil, convidando os trabalhadores a filiarem-se a ele,³⁸ textos ensinando a criar uma célula do PCB nos locais de trabalho,³⁹ poesias de Affonso Schmidt exaltando a Rússia bolchevique,⁴⁰ apoiaram o lançamento do jornal comunista *A Classe Operária*⁴¹ em 1925 e do jornal *A Nação* em 1927;⁴² apoiou o Bloco Operário e

36 Moscas. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 29 jul. 1925. (CEDEM-ASMOB).

37 PEREIRA, A. Os extremos que se encontram. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 17 jul. 1922. (CEDEM-ASMOB).

38 COUTINHO, R. O Partido Comunista Brasileiro. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 16 dez. 1922. (CEDEM-ASMOB).

39 Comissão de Educação e Cultura do Partido Comunista do Brasil. Centros de Cultura Proletária. **O Internacional**, São Paulo, p. 2, 9 abr. 1925. (CEDEM-ASMOB).

40 SCHMIDT, A. Ode aos russos. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 16 dez. 1922. (CEDEM-ASMOB).

41 Aos trabalhadores das cidades e dos campos. **O Internacional**, São Paulo, p. 2, 15 maio 1925. (CEDEM-ASMOB).

42 LOBO, A. A Nação! **O internacional**, São Paulo, p. 1, 4 fev. 1927. (CEDEM-ASMOB).

Camponês e todas as suas candidaturas dentro e fora de São Paulo,⁴³ fez parte da campanha do PCB pelo cumprimento da Lei de Férias,⁴⁴ apoiou as duas greves dos gráficos paulistas,⁴⁵ publicou textos da III Internacional.⁴⁶ Enfim, militou assiduamente pelo Partido Comunista e pela III Internacional.

Nos textos de Astrojildo Pereira se sobressaem, de maneira direta ou indireta, a polêmica com os anarquistas sobre os métodos de organização e a orientação teórica e política do movimento operário. O fundador do PCB defendia o posicionamento da III Internacional, de que os sindicatos deveriam organizar-se por indústria e não por ofício, e tornarem-se grandes sindicatos de massas.

A não ser no período de efervescência geral de 1918-1919, nossos sindicatos até hoje – refiro-me aos de tendência revolucionária – nada mais têm sido do que sindicatinhos impotentes e incapazes, de caráter antes político do que propriamente econômico. Eles têm formado e formam, na verdade, um Partido – coisa de um esdrúxulo a toda prova. [...] O trabalho reorganizador de agora deve, por consequência, obedecer a este duplo critério: chamar aos sindicatos as massas não organizadas e conquistar a solidariedade das velhas uniões corporativas. E isto, evidentemente, só pode ser feito segundo um programa largo, concreto e preciso, alheio a quaisquer sectarismos estreitos, a qualquer particularismo ideológico.⁴⁷

O artigo “Os extremos que se encontram” busca mostrar que não há na posição dos anarquistas em relação à Rússia soviética diferença nenhuma da posição dos grandes jornais burgueses e mesmo de jornais monarquistas. Enquanto os anarquistas dos países capitalistas combatiam o regime soviético, os anarquistas russos colaboravam com o governo e muitos tornavam-se bolcheviques. O texto termina com um conselho de Astrojildo Pereira aos anarquistas: parem de atacar os comunistas e passem a combater a burguesia, nossa inimiga comum.⁴⁸ A crítica é dirigida especificamente para o anarquista Fabio Luz em outro texto reproduzido em *O Internacional*. Nele, Astrojildo afirma que Fabio Luz, além de anticomunista convicto, não é um revolucionário, pois o anarquista não demonstrava uma tomada de posição clara a favor do proletariado, mas sim uma defesa da humanidade em geral abstrata, como se a sociedade não estivesse cortada por interesses de classe que são antagônicos. Assim, diz Astrojildo, Fabio Luz estaria melhor militando na “Legião dos Fundadores da Nova Sociedade, no Instituto de Proteção e Assistência à Infância, na Liga Vegetariana, na Sociedade Protetora dos Animais”.⁴⁹

Além de um trabalho de combate ideológico político contra outras vertentes do movimento operário, *O Internacional* também serviu de veículo dos comunistas para fortalecimento do

43 Política proletária. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 4 fev. 1927. (CEDEM-ASMOB); O Bloco Operário e Camponês de São Paulo. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 15 fev. 1928. (CEDEM-ASMOB).

44 GUIMARÃES, S. Quinze dias de férias anuais? **O Internacional**, São Paulo, p. 8, 11 abr. 1926. (CEDEM-ASMOB).

45 Perdura o movimento paredista dos gráficos. **Diário Nacional**, São Paulo, p. 12, 27 mar. 1929. (BNDigital).

46 A II Internacional e os mencheviques búlgaros. **O Internacional**, São Paulo, p. 3, 11 abr. 1926. (CEDEM-ASMOB).

47 PEREIRA, Astrojildo. A reorganização sindical. **O Internacional**, São Paulo, p. 1-2, 1º jun. 1922.

48 PEREIRA, Astrojildo. Os extremos que se encontram. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 17 jul. 1922.

49 PEREIRA, Astrojildo. Senilidades do anarquismo fabiano. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 5 out. 1922.

partido e construção do movimento operário sob seu ponto de vista de como deveriam ser as formas organizativas. Assim, o número 43 de *O Internacional* traz a transcrição de um artigo do dirigente comunista pernambucano Rodolfo Coutinho, publicado originalmente no jornal *A Sentinela*, que propagandeia o PCB como um braço nacional de um poderoso partido proletário internacional, a Internacional Comunista, “que nos seus congressos já reunidos vem traçando os grandes planos das reivindicações dos trabalhadores em resoluções cheias de senso prático e sabedoria”.⁵⁰ O PCB seria a grande novidade no meio operário brasileiro, então marcado, segundo Coutinho, pela dispersão das forças, cabendo aos comunistas a centralização e canalização racionalizada das energias do movimento operário para ações unitárias e de grande eficácia contra o regime capitalista.

Em nota pública de outra edição de *O Internacional* aparece uma explicação do que é o PCB, usando figura comparativa com os outros partidos, a fim de facilitar o entendimento.

O Partido Republicano, subordinado às várias denominações locais (paulista, mineiro etc.), é o órgão que dirige a luta política dos grandes proprietários de terra – dos fazendeiros de café.

O Partido Socialista é o órgão que dirige a luta da pequena-burguesia – dos pequenos proprietários, comerciantes e industriais e de todos os elementos intelectuais descontentes.

O Partido Marxista é o órgão que dirige a luta política do proletariado das cidades e dos campos.

Companheiro trabalhador – a qual dos três partidos aderirás?

Toma uma resolução enquanto é tempo!⁵¹

Os comunistas não apenas propagandeavam o partido destacando suas qualidades e sua forma de organização, mas também se serviam das páginas do jornal sindical para ensinar os trabalhadores a criarem núcleos comunistas em seus locais de trabalho e moradia. Assim, em texto assinado pela Comissão de Educação e Cultura do Partido Comunista do Brasil, sob o título de “Cultura Proletária”, o autor escreve como em uma conversa comum com um trabalhador qualquer. Orienta o trabalhador/leitor a procurar outros trabalhadores que têm consciência da necessidade de defender seus interesses contra os interesses dos ricos, de preferência pessoas que sejam “operários de fábricas e oficinas, trabalhadores das estradas de ferro, do porto e dos navios; trabalhadores de domicílio; empregados do comércio que não se preocupam muito com a roupa”. Feito isso, o trabalhador/leitor do texto deveria convidar seus companheiros para uma reunião em sua casa e fundar um “Centro de Cultura Proletária”, que deveria contar com um secretário, um tesoureiro e um bibliotecário. O Centro de Cultura Proletária deveria arrecadar dinheiro de seus membros e usá-lo para adquirir e produzir material sobre a causa dos trabalhadores. Esse material, por sua vez, deveria ser estudado e propagandeado pelos componentes do centro. O texto orienta que as reuniões

50 COUTINHO, Rodolfo. O Partido Comunista Brasileiro. *O Internacional*, São Paulo, p. 1, 16 dez. 1922.

51 Os três partidos. *O Internacional*, São Paulo, p. 3, 1º out. 1925.

deveriam ser privadas, quase secretas, pois os burgueses não deveriam tomar conhecimento de sua existência, sendo conveniente que jamais se reúnam no mesmo lugar. Uma vez criado o centro, ele deveria pedir orientação do PCB para levar a cabo suas ações.⁵²

Objetivo parecido comparece no texto “Abecedário dos Trabalhadores”. O abecedário escrito pelo comunista garçom José Vicente busca ensinar os elementos básicos do marxismo: a sociedade é dividida em duas classes antagônicas (burguesia e proletariado), os trabalhadores tudo produzem, mas têm de viver com baixos salários, enquanto os burgueses ficam ricos por meio da exploração do trabalho da classe operária. Assim, diz Vicente, é preciso:

1º Os pobres unirem-se uns aos outros, criarem associações, sindicatos, cooperativas;

2º Sempre unidos uns aos outros, defenderem seus direitos, combaterem a exploração dos ricos;

3º Estudarem o marxismo que é a doutrina que ensina a classe dos pobres a combater a classe dos ricos, é a doutrina que ensina a classe dos pobres a vencer a classe dos ricos;

4º Entrarem para o partido marxista que é o partido dos pobres, contra o partido dos ricos; é a organização dos pobres contra a organização dos ricos;

5º Prepararem-se, através de anos de luta, para, aproveitando um momento de fraqueza dos ricos, substituir o governo dos ricos pelo governo dos pobres. Isto quer dizer, por outras palavras, que a classe dos pobres deve substituir a ditadura dos ricos pela ditadura dos pobres.⁵³

O exemplo a ser seguido, evidentemente, era a Rússia soviética, lugar em que os pobres venceram os ricos. O texto deixava claro que não era possível manter-se neutro perante a luta de classes: nada fazer era ser conivente com a classe dominante. Não restava saída aos trabalhadores que não aderirem ao marxismo, ao PCB e à Internacional Comunista para realizarem seu papel histórico de sujeito revolucionário.

Contudo, mais do que a propaganda e o incentivo para organização dos trabalhadores, possivelmente a maior vitória dos comunistas no sindicato dos garçons tenha sido a fundação de uma União Nacional dos Trabalhadores em Hotéis e Similares, ou seja, uma central sindical da categoria. A conferência de fundação da central se realizou no Rio de Janeiro nos dias 20, 21, 22 e 23 do mês de maio de 1925. A conferência foi composta de 20 delegados representantes das seguintes organizações: Centro Cosmopolita (Rio de Janeiro), A Internacional (São Paulo), *O Internacional* (São Paulo), Centro Internacional de Santos, Caixa Auxiliadora dos Empregados em Hotéis (Rio de Janeiro), União dos Auxiliares em Café e Restaurantes (Pernambuco), Sociedade Internacional Beneficente de Porto Alegre. Aconteceu na sede da Caixa Auxiliadora dos Empregados em Hotéis, situada na rua José Maurício, n. 46.

52 Comissão de Educação e Cultura do Partido Comunista do Brasil. Cultura Proletária. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 9 abr. 1925.

53 VICENTE, José. O abecedário dos trabalhadores. **O Internacional**, São Paulo, p. 2, 27 jun. 1925. (CEDEM-ASMOB).

O primeiro trabalho realizado foi criar um estatuto para a União Nacional dos Trabalhadores em Hotéis e Similares (UNTHS), que deveria ser seguido por suas organizações filiadas. O estatuto seguiu o modelo de sindicatos defendidos pelos comunistas: as atividades beneficentes foram integradas aos sindicatos de categoria; os sindicatos que ainda funcionavam por ofício deveriam reformar seus estatutos e tornarem-se sindicatos de indústria; todos os sindicatos pertencentes à UNTHS deveriam propagandear o modelo organizativo de sindicatos de indústria; cidades que tinham mais de um sindicato das categorias de trabalhadores abrangidas pela UNTHS deveriam fundir-se em apenas um sindicato; a UNTHS e seus sindicatos seriam adeptos à Internacional Sindical Vermelha (organização sindical da Internacional Comunista). O programa básico defendido pelo sindicato era composto pelos seguintes itens: reconhecimento da UNTHS e seus sindicatos filiados pelo patronato e pelo Estado; salário mínimo e seu aumento de acordo com as necessidades de subsistência; maiores salários para trabalho noturno; higiene nos locais de trabalho; dia de 8 horas para todos os trabalhadores intercalados ou noturnos; descanso semanal; abolição das gorjetas e adoção do sistema de porcentagem.⁵⁴

Os estatutos de A Internacional foram reformados, dando ao sindicato um modelo centralizado de organização, criaram-se comissões de seção profissional (um comitê de cozinheiros, um de garçons etc.) e representantes de cada comissão fariam parte de um Conselho de Administração. As comissões profissionais eram incumbidas de criar quadros sindicais e propagandear a associação ao sindicato nos locais de trabalho, enquanto o Conselho de Administração deveria ser um órgão auxiliar à direção do sindicato, ligando-a diretamente com os locais de trabalho.⁵⁵

Como não poderia deixar de ser, a reforma na estrutura organizativa de A Internacional trouxe nova crise com os anarquistas, que decidiram deixar o sindicato definitivamente e passaram a fazer propaganda entre os garçons e cozinheiros para que eles também o abandonassem.⁵⁶ Em 1928 os anarquistas tentaram mais uma vez disputar a direção do sindicato com os comunistas, mas perderam novamente. Resolveram fundar então um sindicato à parte, o Centro dos Copeiros Cosmopolitas, que foi combatido pela A Internacional pelo resto da década.⁵⁷

Comunistas e anarquistas e a disputa pelo sindicato A Internacional

Os COMUNISTAS não encontraram um ambiente tranquilo no leme do sindicato A Internacional. Ao contrário, tiveram de enfrentar dificuldades dos mais variados tipos para manterem-se na direção do sindicato e até mesmo para sustentar o sindicato funcionando e com coesão por

54 Relatório da Primeira Conferência Nacional da Indústria Hoteleira do Brasil. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 24 fev. 1926. (CEDEM-ASMOB).

55 A reforma dos estatutos. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 24 fev. 1926..

56 Um empregado do café. Como eles andam. **O Internacional**, São Paulo, p. 2, 31 out. 1926. (CEDEM-ASMOB).

57 Que beócios! **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 1º jul. 1929. (CEDEM-ASMOB).

toda a década. A principal força política a confrontá-los foi certamente dos anarquistas, ainda fortes na época, sobretudo no movimento operário de São Paulo.

As divergências entre os anarquistas e os comunistas sobre o processo revolucionário a ser construído pelos trabalhadores eram profundas e, levando em conta o movimento operário internacional, de longa data. Poderíamos afirmar, em síntese, que os projetos de revolução de ambas as forças eram antagônicos. Não se tratava apenas de uma divergência teórica, mas de método de organização e ação, de objetivo a ser conquistado e de projeto de sociedade.

Enquanto os anarquistas não tinham teóricos definidos e afirmavam não aderir a uma única teoria (ainda que alguns expoentes do pensamento anarquista fossem mais citados e lidos, como Bakunin, Kropotkin e Malatesta), os comunistas reivindicavam o marxismo como teoria orientadora do movimento revolucionário e indicavam como autores de referência principal Marx, Engels e Lênin (Stálin entrará na lista após 1930). Os anarquistas, apesar da variedade de correntes de pensamento internas, tinham em comum a característica da recusa do partido político como ferramenta de construção do poder pelo proletariado e buscavam se afastar de objetivos como a conquista do Estado para uma ditadura de classe; os comunistas, por sua vez, viam no partido a principal ferramenta de poder para a conquista do Estado pela classe operária, objetivando uma ditadura do proletariado que, ao dissolver as relações sociais de produção típicas da sociedade capitalista, deveria coordenar a construção do socialismo. Além disso, os anarquistas prezavam por formas descentralizadas e horizontais de organização, enquanto os comunistas estavam convencidos de que a era do capitalismo imperialista exigia do movimento operário formas cada vez mais centralizadas e disciplinadas de organização. A sociedade libertária, para os anarquistas, era uma comunidade autogerida por trabalhadores em livre associação. O socialismo, para os comunistas, era um estágio de transição em que um Estado operário coordenava a economia e a sociedade de maneira centralmente planejada e com o maior rigor científico.⁵⁸

De tal sorte, a existência dessas duas forças políticas no interior dos sindicatos paulistanos nos anos 1920 gerou uma verdadeira guerra para definir qual projeto de revolução iria orientar o movimento operário dali por diante. Quando os anarquistas conquistaram a direção de A Internacional, no ano de 1925, e no rescaldo da repressão da revolta tenentista de 1924, os comunistas passaram a publicar n' *O Internacional* constantes críticas à direção. Afirmaram que a nova direção d'A Internacional pretendia transformar o sindicato em um feudo, em uma propriedade privada, que os diretores do sindicato se preocupavam com bailes, mas não chamavam uma assembleia há mais de seis meses (quando elas deveriam ocorrer mensalmente), que afundavam o sindicato em dívidas e sequer se preocupavam em comemorar o aniversário do sindicato.⁵⁹ Da crítica administrativa econômica iam para a crítica

58 Para uma síntese do debate entre comunistas e anarquistas, Cf. FABBRI, Luigi; BUKHARIN, Nicolai. **Anarquismo e comunismo científico**: a confrontação ideológica entre um marxista e um anarquista. Biblioteca Anarquista, s/d.

59 F.B.M. Para a classe ler e os tartufos cheirarem. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 9 abr. 1925. (CEDEM-ASMOB); A Internacional em vésperas de seu 11º aniversário. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 9 abr. 1925.

moral, declarando que por irresponsabilidade do Comitê Executivo A Internacional parecia-se com “uma taverna de pescadores das costas da Noruega”, pois

Os diretores da nossa associação, em vez de procurarem fazer do sindicato um meio purificador de consciências para que amanhã possamos ter indivíduos capazes de se apoderarem das rédeas de um governo proletário, transformam o local social em uma taverna em que se cultiva toda a espécie de vícios.⁶⁰

E especificamente sobre o secretário-geral do sindicato, o anarquista Victor M. Saavedra

Se algum associado tiver necessidade de pedir alguma informação ao Comitê, perderá o seu tempo, porque o Comitê é unicamente o sr. Secretário-Geral, e este, se não estiver com as cartas nas mãos, saboreando um tute, está divorciado em cima da mesa, roncando como um pai de leitões e quando está nessas condições, isto é, perturbado pelo fluido da garrafa, não quer ser incomodado com amolações dos sócios.⁶¹

Apesar das constantes críticas comunistas no jornal do sindicato, Saavedra conseguiu se reeleger secretário-geral em eleição ocorrida no dia 30 de junho de 1925, de forma que A Internacional passou todo esse ano sob influência anarquista. Apenas no final do ano, em dezembro, um conflito entre comunistas e anarquistas em assembleia do sindicato mudou o quadro.

Nessa assembleia, ocorrida no dia 1 e 3 de dezembro, Victor Saavedra protestou contra a “interferência política” dentro d’A Internacional, ou seja, a presença de membros do Partido Comunista. Para combater os comunistas, Saavedra remetera-se aos congressos operários ocorridos em 1906, 1913 e 1920, todos de orientação sindicalista revolucionária, o que significa dizer que deliberaram a neutralidade sindical frente a organizações partidárias.⁶² A assembleia dividiu-se então entre aqueles que defendiam a neutralidade sindical e aqueles que defendiam o “sindicalismo político”, ou em outras palavras, a possibilidade de se defender uma linha política dentro do sindicato, incluindo a de um partido político.

Saavedra passou então a atacar a Comissão Editorial do jornal *O Internacional*, principalmente o redator e diretor Apolinário José Alves, e exigiu que a direção do jornal seguisse a linha política da direção do sindicato, ou seja, anarquista, ou então que passasse a direção do jornal para pessoas afinadas ideologicamente com a diretoria d’A Internacional.

(CEDEM-ASMOB).

60 OTÉRO, A. C. Saneamento moral. **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 11 jul. 1925. (CEDEM-ASMOB).

61 Ibidem. Contudo, deve-se dizer que o problema dos jogos e do alcoolismo deveria ser não uma característica dos anarquistas na direção ou na base dos sindicatos, mas sim um problema presente na categoria, pois mesmo depois de os comunistas retomarem o Comitê Executivo, continuam a publicar textos reclamando de sócios que usavam a sede do sindicato para jogar cartas e ingerir bebidas alcoólicas. Quando a diretoria d’A Internacional finalmente proíbe o jogo e a bebida dentro do sindicato, alguns garçons fundam um clube de jogos, o que é veementemente criticado e desestimulado pela A Internacional. Cf. Ainda bem! **O Internacional**, São Paulo, p. 2, 7 out. 1926. (CEDEM-ASMOB); ALVES, A. J. Contra o jogo. **O Internacional**, São Paulo, p. 3, 27 nov. 1926. (CEDEM-ASMOB); Alerta Companheiros! **O Internacional**, São Paulo, p. 1, 15 dez. 1927. (CEDEM-ASMOB).

62 É notável que Saavedra fazia parte da corrente do anarquismo que Alex Bonomo classificou como anarquista sindicalista: prega a neutralidade política no sindicato, mas na prática impõe o anarquismo. Ver BONOMO, A. B. **O anarquismo em São Paulo: razões do declínio (1920-1935)**. Dissertação (Mestrado em História) – PUC, São Paulo, 2007. p. 267.

Apolinário José Alves respondeu que o jornal era livre para seguir a política que quisesse, pois para isso existia a liberdade de imprensa.

Quando levada à votação, a assembleia decidiu que o grupo “Ação e Cultura”, editor do jornal, deveria obedecer a linha política da diretoria do sindicato. Porém, a pauta a seguir era um pedido de demissão por parte de José Lema Landeira, o tesoureiro, por não ser a favor do Comitê Executivo. Justificou que sabia que Saavedra e Carlos Senger (outro anarquista) faziam reuniões privadas sem a presença de outros membros da diretoria, o que não poderia aceitar, pois as reuniões do sindicato deveriam ser realizadas na sede e com a participação de todos os interessados. Nesse momento, Antônio Vaz pede à assembleia que destitua toda a Comissão Executiva, e Landeira reforça que só ficaria em seu cargo de tesoureiro se todos os outros membros da diretoria fossem substituídos, pois não poderia mais trabalhar junto com alguém como Saavedra.

Por fim a assembleia destituiu Saavedra e Carlos Senger de seus cargos no Comitê Executivo.⁶³ Em resumo, o jornal comunista foi obrigado pela assembleia a seguir a linha política da direção do sindicato, que até o momento era anarquista, mas como essa direção foi em seguida destituída e composta outra, de orientação comunista, na prática nada mudou e *O Internacional* continuou a ser um órgão de propaganda afinado com o PCB.

Em reunião posterior, no dia 21 de dezembro de 1925, Victor Saavedra foi suspenso d'A Internacional, acusado de ir contra os estatutos do sindicato. Arthur Teixeira, garçom comunista, então escreve um texto sobre a expulsão de Saavedra, no qual defende que o anarquista não aceitava opiniões divergentes da sua e queria que o sindicato o seguisse, passando por cima da vontade da coletividade dos membros. Incapacitado de realizar seus planos, Teixeira relata que Saavedra entregou uma carta à polícia denunciando os membros do Comitê Executivo da A Internacional.

Todos nós somos suscetíveis de errar. Entendemos que Fulano ou Sicrano esteja errado porque pensa diferente de nós. Esse Fulano ou Sicrano não tem o direito de pensar diferente de nós? Mas Saavedra entendia que não... e pronto.

O resultado é que foi aos poucos caindo no ridículo até que epilogou com a entrega de uma carta a um inspetor de polícia que nada tem a ver com assuntos que só aos trabalhadores interessam. Foi, porém, o quanto bastou para se desmoralizar perante a coletividade e sentir o peso da reprovação dos que como eu querem que acima de tudo paire a lealdade.⁶⁴

Na mesma edição do jornal, um texto contra o anarquismo, importado da *Voz Cosmopolita* do Rio de Janeiro, menciona negativamente Saavedra afirmando que ele denuncia os comunistas para a polícia.⁶⁵

63 Ata da Assembleia do dia 1º de dezembro. **O Internacional**, São Paulo, p. 1-2, 26 jan. 1926. (CEDEM-ASMOB).

64 TEIXEIRA, A. Reprovando um ato. **O Internacional**, São Paulo, p. 2, 24 fev. 1926. (CEDEM-ASMOB).

65 Podre anarquia. **O Internacional**, São Paulo, p. 3, 24 fev. 1926. (CEDEM-ASMOB).

Em julho de 1926, porém, o caso Saavedra ganha continuidade em uma assembleia realizada no dia 29. Os anarquistas Monterrozo, Aurelio Viola e Alfredo Boló pedem a readmissão de Saavedra no sindicato, defendendo que este fora caluniado e que sua suspensão na verdade se devia aos textos que publicava no *O Internacional*, que eram de caráter libertário. Imediatamente, a carta que Saavedra entregou à polícia é lembrada pela assembleia. Boló defende então que Saavedra fora obrigado a entregar a carta à polícia. Um membro do sindicato, de nome Miguel Martinez, afirma então que por não ter “nenhuma paixão ideológica” pode falar imparcialmente e então relata que presenciou todo o mandato de Saavedra no sindicato, que ele, como secretário-geral, fez de tudo para se apoderar do editorial de *O Internacional* no objetivo de transformá-lo num jornal anarquista. Para isso, Saavedra teria chamado várias assembleias gerais em que foi derrotado em tudo que propôs. Depois de derrotado, buscou mostrar à coletividade que na sede da A Internacional havia um núcleo comunista e como prova fez a leitura de uma carta, ocasião em que chegou um oficial de polícia e então Saavedra entregou a carta para provar que ali havia comunistas, sem que nada lhe fosse pedido. Martinez termina seu relato dizendo que foi puro ato de traição da parte de Victor Saavedra e por isso não podia concordar com o retorno de Saavedra para o sindicato.

Os anarquistas afirmam então que Saavedra não era um agente da polícia e que dedicou muito de sua vida ao sindicato, que viera do Rio de Janeiro apenas para reerguer A Internacional. Os comunistas retrucam que Saavedra, na verdade, veio do Rio de Janeiro para derrubar o sindicato, pois o tinha afundado em uma dívida de dois contos de réis. Os comunistas pedem que Saavedra reconheça seus erros antes que a assembleia votasse sua readmissão. Saavedra não o fez, mas mesmo assim é aceito de volta dentro da A Internacional.⁶⁶

Os conflitos com os anarquistas, porém, só acabaram quando A Internacional vota novo estatuto, abandonando a feição alinhada com o sindicalismo revolucionário e toma feições comunistas. O auge do conflito entre comunistas e anarquistas n'A Internacional ocorre no mesmo ano em que os comunistas fundam a União Nacional dos Trabalhadores em Hotéis e Similares, conseguindo fazer d'A Internacional um de seus sindicatos signatários. Os anarquistas, então, depois de perder mais uma vez a eleição de direção do sindicato para os comunistas, demitem-se do sindicato. Os comunistas então publicaram um texto no *O Internacional* onde declararam que os anarquistas jamais poderiam dirigir um sindicato devido a sua “ignorância completa do que seja tática e política revolucionária” e também por serem “possuidores de um individualismo estreito”. Para os comunistas, os anarquistas “têm sido a desgraça do proletariado” em todos os países, pois a grande maioria das derrotas dos trabalhadores se deve aos erros do anarquismo, e então relembram do “tempo em que Saavedra esteve à frente da administração da A Internacional”, que para eles, “teve tristes

66 Ata da Assembleia Geral Extraordinária realizada no dia 13 de julho de 1926. *O Internacional*, São Paulo, p. 2, 29 jul. 1926. (CEDEM-ASMOB).

efeitos que perduram até hoje”. O autor ainda diz que os anarquistas são teimosos até a medula e quando contrariados chegam ao ponto de servir de instrumento da burguesia. “Saltam-se, depois, cheios de fúria contra os comunistas, caluniando o seu Partido e denunciando-os à polícia”.⁶⁷

A batalha entre comunistas e anarquistas pela direção e pelos rumos do sindicato A Internacional mostra que a categoria contava com elementos bastante ativos e que se engajavam apaixonadamente em debates sobre a tática e a estratégia adequada a ser usada no movimento operário. É notório que, para além de propor uma nova forma de organização – o centralismo, a organização a nível nacional e o sindicalismo de indústria –, os comunistas colocavam ênfase também em uma reforma intelectual e moral da categoria, visando superar sua condição de subalternidade e melhor armando-a para as demandas das lutas de classe. Se fazia mister para a categoria não apenas engajar-se no sindicalismo e no partido, mas alfabetizar-se, internalizar os debates do interior do movimento operário, lutar por melhores condições de trabalho e vencer os hábitos que as levavam para a lumpemproletarização, como o era o caso do alcoolismo e do vício nos jogos.

Considerações Finais

A ADESÃO dos trabalhadores em hotelaria ao comunismo do PCB inseriu-os em um projeto muito determinado e específico de revolução social. Como em outras categorias de trabalhadores, isso demandou uma completa reforma na maneira como se organizavam, abandonando o federalismo em direção a formas de organização cada vez mais centralizadas. De um lado, acelerou-se o processo de formação de um órgão sindical nacional da categoria sob a forma de sindicato de indústria, a União Nacional dos Trabalhadores em Hotéis em Similares; por outro, houve o incentivo e o trabalho para a organização dos trabalhadores em células de locais de trabalho, em seções de categoria internas ao sindicato e em grupos de cultura. Esse sistema completava-se com o objetivo de a UNTHS participar na Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), que seria construída pelos comunistas nos anos seguintes, formando um corpo sindical nacional capaz de criar um movimento operário unificado e centralizado, pronto para criar uma greve geral em situação oportuna. Aliás, uma nova perspectiva de organização, tanto do movimento operário como para a política em geral, era a novidade que os comunistas traziam ao Brasil: a construção do partido de tipo novo teorizado por Lênin, forjado por militantes profissionais, com uma organização interna centralizada e disciplinada, orientados por uma teoria geral de explicação da sociedade com o objetivo de transformá-la: o marxismo-leninismo.

Entretanto, cabe dizer, a situação específica dos trabalhadores em hotelarias, sempre próximos ao exército de reserva dos desempregados, facilmente descartáveis de seus postos

⁶⁷ Os anarquistas e as organizações sindicais. **O Internacional**, São Paulo, p. 2, 31 out. 1926. (CEDEM-ASMOB).

de emprego e vulneráveis aos mais degradantes perigos da sociedade, sua condição de subalternidade proveniente de elementos da sociedade com baixa inserção cultural, o perigo constante da lumpemproletarização, obrigou a vanguarda da categoria que aderiu ao PCB levar a cabo, por meio, não só do Partido, mas também do sindicato, uma reforma intelectual e moral da categoria por meio dos grupos de cultura proletária, que incluía desde a alfabetização dos membros da categoria até a sua inserção no debate sobre os rumos da revolução no Brasil e no mundo, assim como uma espécie de restauração dos costumes para que fossem capazes de exercer a disciplina exigida pelo movimento operário de matiz revolucionário.

Recebido em 17/04/2022

Aprovado em 05/10/2022